Alma entre prazer e dor na apologia do Fédon.

Aldair José Martins Souza

Orientação: Prof° Giovanni Vella

FAPCOM

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as concepções platônicas sobre a relação da alma entre prazer e dor na apologia do diálogo Fédon. Busca demonstrar como o problema do prazer chegou a Platão e como o mesmo o desenvolveu a partir da questão principal da sua filosofia, a saber: o dualismo corpo-alma. No centro do estudo, apresentam-se três momentos importantes que abordam a relação da alma entre prazer e dor no Fédon, onde no primeiro momento se apresenta a questão do prazer e da dor como uma mistura inusitada em todos os homens; no segundo momento apresenta o corpo e suas paixões como causadores dos desejos que buscam os prazeres; e no terceiro a relação da troca de prazeres por prazeres dos que se consideram autocontrolados. Por fim o estudo apresenta a vida filosófica como a única forma de alcançar prazer sem que este venha acompanhado da dor, uma vez que é essa forma de vida que permite ao homem substituir a troca de prazeres por prazeres e buscar a única moeda necessária: a sabedoria.

Palavras-chave: Alma; Corpo; Prazer; Dor; Vida Filosófica.

1. Introdução

O problema do prazer na filosofia não é algo que se restringe a uma só época e nem somente a um único filósofo. Ao longo do que entendemos por história da filosofia, vários filósofos trataram do referido problema das mais diferentes formas. Dentre eles, temos uma grande contribuição dos pensadores da época entendida como filosofia antiga, entre os quais destacamos o filósofo grego Platão (427-148/147 a.C).

Esse estudo busca com base no diálogo Fédon, do filósofo Platão, apresentar as considerações do mesmo filósofo sobre a questão do prazer. Abordando a temática do prazer na filosofia de Platão, verificaremos como esse problema chegou até o filósofo, como o mesmo o recebeu, desenvolveu e o apresenta na apologia do diálogo Fédon.

Dentre as várias questões trabalhadas, abordaremos de forma breve a questão da relação corpo-alma na filosofia de Platão, compreendendo a grande importância dessa questão, pois no diálogo Fédon, a problemática do prazer é como que uma problemática secundária a questão da relação corpo-alma. Dessa forma buscaremos demonstrar como Platão compreende a relação da alma entre prazer e dor nos homens, como ele demostra a mistura de prazer e dor nos homes, de que forma ele afirma ser o corpo e suas paixões que fazem os homens perseguirem o prazer e como os homens que são considerados autocontrolados na realidade não o são, pois trocam prazeres por prazeres.

Por fim demonstraremos como Platão afirma ser a vida filosófica na sua busca pela sabedoria a única que permite ao homem alcançar um prazer que não esteja misturado à dor, pois segundo ele é o único modo de vida a compreender que o filosofar é "preparar-se para morrer", ou seja, é o único modo de vida permite a separação total da alma em relação ao corpo e suas paixões que fazem o homem buscar unicamente o prazer.

2. **O problema do prazer na filosofia de Platão**

Segundo Bravo (2009) [1], doutor em filosofia e comentador de Platão, o problema do prazer na filosofia de Platão se dá em primeiro lugar pelo exame da natureza do prazer. Bravo afirma que na tentativa de examinar a natureza do prazer Platão parte de uma das grandes perguntas que lhe foi legada pela tradição: Qual o lugar do prazer na vida do homem? E ainda: O prazer é um bem propriamente dito?

Para Bravo (2009) as respostas de Platão a essas perguntas não foram sempre as mesmas durante toda sua filosofia, o principal motivo dessas variações nas suas respostas foram as mudanças em sua filosofia e também a trama dos acontecimentos de sua época. Vejamos com mais clareza como essas mudanças ocorreram:

> O que devemos explicar é, no meu modo de ver, certa oscilação do autor entre um hedonismo *herdado* e um anti-hedonismo meramente *recebido.* O primeiro está enraizado na tradição cultural que o precede: na "cultura grega do prazer" a que nos referimos no início deste estudo e, em particular, nos ensinamentos do seu mestre, que defende, no Protágoras, um hedonismo propriamente dito. Porém, nem é preciso dizer que Platão o herda criticamente, aprimorando até o final de sua obra o tipo de hedonismo que é compatível com sua filosofia, e especialmente com sua filosofia moral. (BRAVO, 2009, p. 327).

[1] BRAVO, Francisco. **As Ambiguidades do Prazer, ensaios sobre o prazer na filosofia de Platão**. PAULUS Editora, 2009. .

Bravo especifica no que está acima citado o caminho base das mudanças de Platão sobre o estudo da natureza do prazer. O hedonismo herdado por Platão é uma característica da cultura grega que afirma ser o prazer à finalidade de todas as atividades, ou seja, ou na filosofia ou na poesia ou em qualquer atividade que se realize o importante é que essa atividade gere um prazer em quem a exerce e nos que são atingidos por elas.

Essa cultura grega do prazer, segundo Casertano (2012)[2] é uma cultura que a partir dos pitagóricos já afirmava: "[...] não só <<foge do prazer, por que ele te traz necessariamente consigo a dor>>, mas também <<foge daquele prazer que implica dor>>, ou seja, faz uma escolha, aceita o prazer, mas presta atenção a que não cause depois dor" 3.

Diante das afirmações de Casertano, podemos compreender, portanto, que o hedonismo herdado por Platão é contrário a afirmações do tipo: se existem prazeres que causam dor deveríamos fugir de todos os prazeres; mas afirma, entretanto, que se deve fazer uma escolha pelo prazer, mas que esta escolha deve ser cuidadosa, evitando assim os prazeres que causam dor.

Porém Platão herda esse hedonismo de forma crítica e vai aprimorando ele juntamente com a sua filosofia até o fim de sua vida, dentro dessas mudanças, o prazer poderá em algum momento não ser mais o fim para qual se voltam todas as ações do homem.

O principal fio condutor das respostas de Platão sobre o problema do prazer no diálogo Fédon são suas reflexões sobre a relação corpo e alma, sendo que a discussão acerca dessa relação é o ponto principal de toda a filosofia platônica. Diante dessa premissa (que o ponto principal de toda filosofia platônica é a discussão sobre a relação corpo e alma), precisamos compreender como essa discussão ocorre no diálogo Fédon, pois somente depois, poderemos enfim entender como se dá as afirmações sobre o prazer na apologia do mesmo diálogo.

3. A relação corpo-alma na apologia do Fédon

[2] CASERTANO, Giovanni. **O prazer, a morte e o amor nas doutrinas dos pré-socráticos**. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Annablume Clássica, 2012. Título original: Il piacere, l'amore e la morte nelle doutrine dei presocratici. Vol I: Il piacere e il desidero, Loffredo, Napoli 1983.

[3] (CASERTANO, 2012, P. 29).

Na apologia do diálogo Fédon, parte que compreende do parágrafo 57a até o parágrafo 69e, Platão a partir da figura de Sócrates, discute sobre a questão da alma, principalmente na sua relação com o corpo. O ambiente em que ocorre esse diálogo é a prisão onde Sócrates passa as suas últimas horas de vida, seu último diálogo com seus amigos como, por exemplo, Fédon que é um dos narradores principais do diálogo. Já nas primeiras páginas do diálogo, o que está sendo proposto por Platão são os sentimentos dos amigos de Sócrates em relação a sua forma de agir diante da morte. Segundo Bravo, no Fédon a questão do dualismo corpo-alma é o tema fundamental, sendo impossível compreender a análise de Platão sobre o Prazer sem abordar essa questão do dualismo acima citado4.

O ponto de partida para compreender as reflexões acerca da dualidade corpo-alma no Fédon é ter claro que na filosofia platônica o homem é entendido como uma composição de corpo e alma. Podemos verificar essa concepção a partir das palavras de Sócrates em 66b, ao afirmar que:

> É provável que haja um caminho que nos leve, acompanhados de nossos argumentos em meio a nossa busca, a concluir que enquanto tivermos um corpo, e estiver a alma misturada a esse mal, jamais alcançaremos completamente o que desejamos, ou seja, a verdade. (FÉDON, 66b) [5].

Verificamos no que está acima citado como Sócrates, ao discutir sobre um caminho que nos leve a um conhecimento verdadeiro, afirma que o corpo é um mal que atrapalha a alma a colocar-se nesse caminho do conhecimento. A concepção de corpo como um "mal" que atrapalha a alma no seu caminho de conhecimento é o princípio do pensamento platônico que entende a morte como o único ato que permite a alma libertar-se totalmente do corpo, isso fica melhor especificado quando Sócrates em 64c, ao questionar Símias sobre o que se afirma ser a morte diz:

> Acreditamos, não é mesmo, que a morte é a separação da alma do corpo, e que o estado que corresponde estar morto é aquele no qual o corpo está separado da alma e existe sozinho por si mesmo, enquanto a alma está separada do corpo existe sozinha por si mesma? É a morte algo distinto disso? (FÉDON, 64c).

---

[4] (BRAVO, 2009, p. 377).

[5] PLATÃO, tradução, textos complementares e notas Edson Bini. **Diálogos III-Socráticos: Fedro (ou Do belo); Eutrífon (ou Da religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou Do Dever); Fédon (ou da Alma). 2 ed.** São Paulo-SP. EDIPRO, 2015.

Podemos perceber assim que Platão entende o homem como uma composição de corpo e alma, o que justifica essa afirmação são as palavras Sócrates ao afirmar que a morte é entendida como o momento em que alma e corpo vivem por si mesmo totalmente separados um do outro. Se, portanto, a morte é o momento em que corpo e alma vivem separados por si mesmo, logo concluímos que a vida é o momento em que ambos não vivem por si mesmo, mas "misturados", ou seja, a alma está inserida dentro de um corpo.

Compreendendo o homem como essa composição corpo e alma, Platão faz todo o desenvolvimento de sua filosofia tentando explicar em primeiro lugar como se dá a relação corpo-alma na vida dos homens e por fim como o filósofo, amante da sabedoria, vive essa relação na busca pelo saber. A respeito do prazer, especialmente no diálogo Fédon, a solução de Platão é que o homem não deve buscar viver satisfazendo os desejos (prazeres) corpóreos, mas sim buscar seguir a única forma de vida prazerosa que vale a pena, ou seja, uma vida que busca satisfazer as vontades da alma ajudando ela na sua busca pela sabedoria plena. O único modo de vida que permite a alma prosseguir na sua busca pela sabedoria plena, segundo Platão, é a vida filosófica, sobretudo em seu preparar-se para morrer, momento que permite a separação total entre alma e corpo. Verificamos a seguir qual o caminho percorrido por Platão no Fédon, a partir da figura de Sócrates, para chegar à conclusão acima mencionada.

4. As primeiras etapas da reflexão platônica sobre prazer e dor na apologia do Fédon

A problemática do prazer no Fédon surge em muitos momentos, entretanto abordaremos em nosso estudo de maneira mais direta três etapas que consideramos importantes, e todas elas estão contidas no que se entende por apologia do Fédon, ou seja, entre os parágrafos 57a-69e. Tentaremos a partir de agora aprofundar a nossa questão principal, ou seja, a relação da alma entre prazer e dor no Fédon, com base em cada uma das três etapas apresentados a seguir, pois à medida que introduzirmos as discussões de cada etapa escolhida se esclarecerá melhor a relação da alma entre prazer e dor no Fédon, sobretudo na busca da alma pela sabedoria.

Após introduzirmos cada etapa, lançaremos questionamentos que serão respondidos logo em seguida com base nas discussões do Fédon, ressaltando em todas elas a afirmação platônica que defende ser a vida filosófica na busca pela sabedoria plena a única forma de vida que nos leva a um prazer que não causa dor. Ressaltaremos ainda

a defesa platônica da necessidade do preparar-se para a morte (momento em que a alma estará separada totalmente do corpo), pois será esse o único momento que nos possibilitará a certeza sobre se vivemos ou não uma vida que permitiu a alma alcançar a sabedoria plena, como já mencionamos acima.

4.1 Prazer e dor como uma mistura inusitada

O primeiro a levantar a problemática do prazer é o próprio Fédon. A pedido de Equécrates, Fédon começa a narrar como foram os últimos momentos de Sócrates no dia de sua morte. Ao relembrar aqueles acontecimentos, ao lembrar-se da última conversa com seu amigo Sócrates antes deste cumprir sua condenação à morte e beber o veneno, Fédon afirma que:

> No que diz respeito a mim, experimentei emoções estranhas estando ali naquela ocasião [...] não experimentei, de modo algum, qualquer sentimento de pena, como teria parecido natural considerando que presenciava uma cena plangente; tampouco, por outro lado, experimentava prazer por nos ocuparmos de filosofia [...] Senti-me presa de uma emoção estranha, uma mistura inusitada de prazer e dor ante a ideia de que ele estava na iminência de morrer (FÉDON, 58e, 59a).

Podemos notar que, mesmo diante de um momento tão triste e sofrido para todos que eram amigos de Sócrates, embora fosse chegada a hora da morte do mesmo, seus amigos discutiam filosofia com ele a ponto de todos sentirem-se confusos por aquela "emoção estranha, mistura inusitada de prazer e dor". Verificamos também que o prazer sentido pelos presentes ocorre devido ao tempo dedicado à filosofia, sendo que a dor, em sentido contrário, ocorre devido a iminente morte de Sócrates que irá acontecer logo em breve.

Notamos no que está acima descrito por Fédon que ele afirma sentir uma sensação estranha, uma mistura inusitada de prazer e dor. Qual será o motivo que fez com que naquele momento os presentes sentissem uma mistura inusitada entre prazer e dor? Por que prazer e dor não aparecem separadamente, mas pelo contrário aparecem misturados?

O próprio Sócrates nos apresenta uma possível resposta no começo do Fédon, segundo ele, é aparentemente impossível que enquanto estiver vivo um homem alcance prazer ou dor sem que um venha acompanhado do outro, isso se verifica no que segue:

> Que coisa estranha, homens, parece ser aquilo que os seres humanos chamam de prazer, e quão admiravelmente está relacionado com aquilo que se considera seu oposto, a dor! Não é possível que um ser humano os experimente simultaneamente e, no entanto, se busca um e o apanha, é geralmente obrigado a apanhar também o outro, como se ambos estivessem unidos em um único

> topo. [...] É o que parece estar acontecendo comigo. Depois de sentir dor em minha perna por causa das correntes, parece que o prazer sucede à dor (FÉDON, 60c).

Podemos notar no que está acima descrito por Sócrates que prazer e dor, mesmo sendo opostos, são adquiridos simultaneamente, sendo impossível apanhar um e não apanhar o outro logo em seguida. Essa afirmação de Sócrates mostra que uma vez a alma estando no corpo (pois quando Sócrates fala de ser humano ele se refere a seres humanos vivos, ou seja, quando a alma está dentro de um corpo), a alma está sujeita a sempre que buscar o prazer encontrar também a dor, e da mesma forma o contrário, ou seja, sempre que buscar a dor alcançar também o prazer. Essa interpretação nos leva a primeiro momento a entender que dor e prazer, quando a alma está junta (misturada) a um corpo, estão necessariamente juntos e que é impossível uma forma de vida prazerosa que não cause dor.

Se nessa primeira etapa fica aparentemente demonstrado que é impossível a alma encontrar prazer e este não estar acompanhado pela dor, Platão continua sua investigação ao afirmar ser o corpo com suas paixões o responsável pelo fato de homem, nessa vida em que a alma está misturada em um corpo, não conseguir alcançar a sabedoria plena.

4.2 O corpo e as suas paixões que impedem a busca pela sabedoria

A segunda etapa em que nossa problemática da alma entre prazer e dor ocorre no Fédon é em 66c, nesse momento do diálogo, Sócrates afirma ser o corpo com suas paixões um mal que nos atrapalha em adquirimos a verdade. Partindo da afirmação anterior, ou seja, que o corpo com suas paixões é um mal que nos atrapalha a adquirirmos a verdade, ele a justifica com a seguinte argumentação acerca do corpo:

> O corpo nos enche de desejos sensuais, apetites e temores, e de toda gama de ilusões e tolices, de maneira que, como dizem, ele realmente nos impossibilita em absoluto o pensar. O corpo acompanhado de seus desejos é o único responsável por guerras, conflitos civis de facções e batalhas; de fato todas as guerras nascem do desejo de obtenção de riqueza. (FÉDON, 66c).

Notamos no que está acima citado, como Sócrates indica o corpo e suas paixões como a causa de todos os desejos, diante disso podemos entender que o corpo é também o causador dos desejos que nos leva a buscar os prazeres. O corpo acompanhado de suas paixões, para Sócrates, é o causador dos grandes conflitos, colocando os homens uns contra os outros na tentativa de satisfazer seus desejos. Essa busca por satisfazer os desejos atrapalha ainda o caminho da busca pela sabedoria, uma vez que o homem

desperdiça o tempo que deveria ser usado na busca pela sabedoria tentando satisfazer as paixões do corpo.

Segundo Sócrates a dependência do corpo por satisfazer suas paixões é tão intensa que mesmo uma vez voltando a nossa atenção para o que é importante, ou seja, a busca pela sabedoria que se dá por meio da vida filosófica, o corpo perturba a alma com sua necessidade de satisfazer as suas paixões, isso fica bem demonstrado quando ele afirma que:

> O resultado disso é não nos restar tempo para o cultivo da filosofia. Mas pior de tudo é que, se realmente conseguirmos algum ócio e nos voltarmos para a filosofia, o corpo incessantemente irrompe em meio aos nossos estudos, nos transtornando com confusão, agitação e medo, de modo a nos impedir de contemplar a verdade (FÉDON, 66d).

Podemos verificar como Sócrates demonstra no que está acima citado como o corpo atrapalha a alma em sua tentativa de alcançar a sabedoria por meio da vida filosófica. O corpo é, portanto, tão necessitado em satisfazer suas paixões que mesmo se a alma uma vez estiver voltada para a filosofia o corpo tirará dela o tempo ocioso que a alma dedicava a filosofia para tentar mais uma vez satisfazer suas paixões.

Ao afirmar que o corpo é o causador dos desejos que nos levam a buscar os prazeres, Sócrates nos leva a um segundo questionamento: será possível viver sem buscar unicamente satisfazer as paixões do corpo? E se for possível essa forma de viver, como alcançá-la?

Os questionamentos acima lançados encontram no Fédon argumentos muito favoráveis a uma resposta positiva, ou seja, é sim possível viver sem buscar unicamente satisfazer as paixões do corpo, isso somente será possível pela vida voltada à filosofia, pois o filósofo é aquele que busca constantemente separar-se do corpo e de suas paixões, buscando assim o que realmente importa: a busca pela sabedoria plena, isso fica melhor expresso no diálogo entre Sócrates e Símias que veremos abaixo:

> “Julgas provável que um filósofo se importe muito com os chamados prazeres, tais como o de comer e de beber?”
>
> “De modo algum, Sócrates”, disse Símias.
>
> “E quanto aos prazeres do sexo?”
>
> “Certamente não”
>
> “Bem, julgas que tal homem atribuiria muita importância aos demais cuidados do corpo, esses que envolvem a posse de roupas e calçados elegantes, além de outros ornamentos pessoais para o corpo? Achas que se preocuparia com eles ou os desprezarias, exceto na exata medida da necessidade de possuí-los?”

> "Acho que o verdadeiro filósofo os desprezaria" ele respondeu.
>
> "julgas que tal homem não se devotaria ao corpo, mas se afastaria, tanto quanto fosse capaz, do corpo para se preocupar com a alma?"
>
> "Julgo."
>
> "Assim, em primeiro lugar, está claro que em tais matérias o filósofo, mais do que outros indivíduos, libera a alma da comunhão com o corpo?"
>
> "Está." (PLATÃO, 64d-64e).

Vemos no que está acima descrito como o filósofo, ao buscar constantemente em sua vida libertar a alma da comunhão com o corpo, apresenta a todos uma forma de viver onde não se busca constantemente satisfazer as paixões do corpo. Essa forma de vida ingressa num caminho em que o resultado é a busca pela separação total da alma em relação ao corpo, isso fica expresso nas palavras de Sócrates no fim de 67c e início de 67d ao afirmar que:

> "E não consiste a purificação no que já há algum tempo mencionamos em nosso discurso, a saber, em separar a alma o máximo possível do corpo, e instruí-la e habituá-la a recolher-se em si mesma e conservar sua integridade em relação a todas as partes do corpo, bem como viver, tanto quanto seja capaz, tanto no presente quanto no futuro, sozinha e por si mesma, libertada do corpo como de grilhões?" (FÉDON, 67c-67d).

O resultado dessa concepção de que a vida filosófica é a única possível onde o homem não vive para buscar satisfazer as paixões do corpo nos leva a entender que devemos rejeitar todas as paixões do corpo e nos mostra a necessidade de buscar abandonar o corpo com suas paixões se quisermos nos doar a uma vida plenamente filosófica. Por isso Platão defende no Fédon que vida filosófica é um constante preparar-se para a morte.

4.3 Troca de prazeres por prazeres como um falso autocontrole

A terceira etapa da discussão sobre a alma entre o prazer e dor no Fédon, ocorre com uma argumentação de Sócrates acerca dos homens que são "autocontrolados". O problema posto por Sócrates é que muitos homens se autocontrolam em determinado momento, abrindo mão de alguns prazeres, não por virtude, mas sim por entenderem que em outro momento receberão prazeres melhores que os oferecidos no momento atual. Essa questão fica bem clara quando Sócrates afirma em 68e e 69a:

> E no que diz respeito aos que se comportam descentemente? Não é sua situação a mesma? Não é um certo tipo de licenciosidade que os torna auto controlados? E ainda que decerto afirmemos ser isso impossível, seu cândido autocontrole representa pouco mais do que isso, na medida em que temem a possibilidade de serem privados de determinados prazeres que são objeto de seu desejo, de

> modo que se abstêm de alguns prazeres porque se encontram sob o domínio de outros. (FÉDON, 68e-69a).

Percebemos no que está acima citado uma nova crítica de Sócrates acerca dos que vivem trocando prazeres por prazeres. Segundo ele, essa troca de prazeres por prazeres pode até em um primeiro momento representar um autocontrole, entretanto continua sendo uma vida dedicada ao prazer. Para Sócrates, a motivação que leva os homens "autocontrolados" a pensarem ter controle sobre si mesmo se dá pelo fato de acreditarem que o prazer que sentirão por se controlarem em um primeiro momento será melhor em um futuro próximo.

Diante do aspecto levantado pela terceira etapa, ou seja, que existem homens que se consideram autocontrolados, mas que na verdade apenas trocam o prazer momentâneo por um prazer futuro, podemos nos questionar: Será possível uma forma de vida onde o homem seja realmente autocontrolado em relação aos prazeres ou ele está sempre refém de viver sempre trocando prazeres por prazeres na tentativa de viver como alguém "autocontrolado"?

Sócrates nos apresenta uma resposta positiva ao nosso questionamento, ou seja, é sim possível uma vida onde o homem é realmente autocontrolado em relação ao prazer, segundo ele essa vida é a vida que busca sabedoria no lugar de satisfação dos prazeres, isso fica bem especificado quando Sócrates afirma o que segue:

> "Prezado Símias, suspeito não ser essa a forma correta de adquirir a virtude, quer dizer, trocando prazeres por prazeres, dores por dores, temores por temores e maior pelo menor, como se fossem moedas; penso que a única moeda corrente pela qual todas essas coisas devem ser trocadas, e mediante a qual todas essas coisas devem ser trocadas, e mediante a qual tudo isso deve ser comprado e vendido, é realmente a sabedoria..." (FÉDON, 69a).

Podemos verificar no que está acima citado que segundo Sócrates, aqueles que trocam prazeres por prazeres, dores por dores, temores por temores etc. estão na verdade utilizando essas coisas como moedas, mas a única moeda pela qual vale a pena trocar todas essas coisas é a sabedoria. Portanto a sabedoria para Sócrates é a moeda mais valiosa e também a única pela qual vale a pena fazer a troca de prazer, dor, temores e etc.

As afirmações acima se concluem e ganham maior respaldo com a afirmação de Sócrates logo em seguida em 69b quando ele afirma que:

> Coragem, autocontrole, justiça e, em síntese, a verdadeira virtude, só existem acompanhadas da sabedoria, sejam adicionados ou subtraídos prazeres, temores e demais coisas desse naipe. A virtude constituída pela permuta recíproca de tais coisas na ausência da sabedoria não passa de uma aparência

> fantasiosa de virtude, realmente própria de escravos, não encerrando em si nada de saudável ou verdadeiro, ao passo que na verdade o autocontrole, a coragem e a justiça constituem uma purificação de todas essas coisas, sendo a própria sabedoria um tipo de purificação (FÉDON, 69b).

Verificamos no que está acima descrito como Sócrates defende o papel central da sabedoria para uma vida verdadeiramente virtuosa. Para ele todas as coisas que levam a uma virtude, sejam elas acompanhadas ou não de prazeres, dores, temores etc. só tem valor se forem acompanhados de sabedoria. Na ausência da sabedoria tudo que é considerado como virtude, como, por exemplo, o autocontrole, não passa de uma virtude de aparência.

Verificamos ainda no que está citado acima que para Platão, autocontrole, coragem, justiça são por si uma purificação delas mesmas, e uma vez a sabedoria sendo um tipo de purificação, ela torna-se, portanto, a moeda de maior valor e necessidade para que haja um verdadeiro processo de purificação das demais virtudes.

Diante de tudo o que afirmamos acima, após compreendermos o valor da sabedoria como a única moeda possível para se ter uma vida verdadeiramente virtuosa onde a alma consiga viver sem perder tempo satisfazendo as paixões do corpo, entre os quais está a busca por prazer, podemos nos perguntar: como alcançar a sabedoria?

Se estivermos atentos, a resposta a essa pergunta já se encontra no que afirmamos na segunda etapa, ou seja, a sabedoria plena somente poder ser alcançada quando a alma vive uma vida filosófica, pois essa é a única forma de vida que permite a alma se separar do corpo que por ao contrário dela busca viver somente para satisfazer suas paixões das quais ele mesmo é a causa.

Portanto a vida filosófica é a única que no fim pode permitir a alma encontrar um prazer que esteja livre da dor, pois isso ocorre somente quando a alma vive totalmente separada do corpo, ou seja, na morte, e a vida filosófica é em si um “preparar-se para a morte”.

5. Conclusão

Diante de todas as discussões apresentadas acima, a partir das três etapas onde encontramos algumas das discussões de Platão acerca da alma entre prazer e dor no Fédon, podemos concluir o que:

A primeira conclusão que nos parece clara é que o problema do prazer é Herdado por Platão de uma tradição anterior a ele denominada por Bravo como “cultura grega do prazer”. Uma vez herdando do seu mestre Sócrates um hedonismo fruto dessa cultura grega do prazer, Platão desenvolve esse hedonismo de forma intelectual, o adaptando a sua própria filosofia e moral que vão evoluindo ao longo de sua vida.

A segunda conclusão que chegamos é que o problema do prazer no diálogo Fédon é secundário à questão principal deste diálogo, ou seja, a relação corpo e alma, uma vez que Platão compreende o homem enquanto um ser que está vivendo como uma “mistura de corpo e alma”. Ainda segundo essa discussão, podemos concluir que a alma somente viverá por si mesma quando estiver separada do corpo, pois esse a impede de alcançar a sabedoria plenamente.

A terceira conclusão que alcançamos a partir das três etapas aqui apresentadas é que enquanto o homem vive, ou seja, sua alma está em um corpo, sem uma orientada vida filosófica que procura a sabedoria, ele tende a sentir uma mistura entre prazer e dor como sentiu Fédon e todos que estiveram com Sócrates em suas últimas horas de vida e também como sentiu Sócrates ao libertar sua perna das correntes. A causa dessa mistura entre prazer e dor ocorre, pois o corpo ao mesmo tempo em que é a causa das paixões, ele busca também satisfazê-las a todo custo, levando muitas vezes a alcançar não somente os prazeres, mas junto com eles a dor fazendo assim com que a alma desperdice o tempo que ela dedicaria na busca pela sabedoria. Concluímos também que a única forma de viver uma vida realmente virtuosa onde o homem não viva unicamente buscando satisfazer as paixões do corpo não ocorre na troca de prazeres por prazeres, mas sim na troca de prazeres pela sabedoria, pois a sabedoria é a única moeda pela qual vale a pena trocar prazeres, e ao mesmo tempo, é a única que permite ao homem ser realmente virtuoso, pois ela permite ao homem purificar-se de todos os prazeres que estão misturados com a dor.

Por fim, concluímos que a única forma de alcançar a sabedoria plena é vivendo a vida filosófica, pois esta é a única que permite a alma a preparar-se para o momento em que ela estará realmente livre das paixões do corpo, ou seja, na morte que é o momento em que alma e corpo vivem separados um do outro. A vida filosófica é a única que permite a alma essa preparação, pois para Platão o filosofar “é o preparar-se para morrer”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAVO, Francisco. **As Ambiguidades do Prazer, ensaios sobre o prazer na filosofia de Platão.** PAULUS Editora, 2009.

CASERTANO, Giovanni. **O prazer, a morte e o amor nas doutrinas dos pré-socráticos.** Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Annablume Clássica,

2012. Título original: Il piacere, l'amore e la morte nelle doutrine dei presocratici. Vol I: Il piacere e il desidero, Loffredo, Napoli 1983.

PLATÃO, tradução, textos complementares e notas Edson Bini. **Diálogos III-Socráticos: Fedro (ou Do belo); Eutrífon (ou Da religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou Do Dever); Fédon (ou da Alma). 2 ed.** São Paulo-SP. EDIPRO, 2015.